



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA

Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas– FATECS

Giuliana Yolle Silva de Jesus

**O entretenimento no jornalismo esportivo: um estudo comparativo
dos programas esportivos da Rede Globo**

Brasília

2013

Giuliana Yolle Silva de Jesus

**O entretenimento no jornalismo esportivo: um estudo comparativo
dos programas esportivos da Rede Globo**

Monografia apresentada como requisito
para conclusão do curso de Bacharelado
em Jornalismo pela Faculdade de
Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas
Centro Universitário de Brasília –
UniCEUB.

Orientador: Cláudia Busato

Brasília

2013

GIULIANA YOLLE SILVA DE JESUS

**O entretenimento no jornalismo esportivo: um estudo
comparativo dos programas esportivos da Rede Globo**

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso de
Bacharelado em Jornalismo pela
Faculdade de Tecnologia e Ciências
Sociais Aplicadas Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.
Orientador: Cláudia Busato

Brasília, 14 de junho de 2013.

Banca Examinadora

Prof. Cláudia Busato
Orientador

Prof. Bruno Nalon
Examinador

Prof. Luiz Cláudio
Examinador

**BRASÍLIA
2013**

AGRADECIMENTO

*Primeiramente, a Deus, a razão de tudo.
Aos meus pais, pelas orações e pelo apoio afetivo e financeiro.
A minha irmã, que me deu força pra continuar lutando.
A orientadora, professora Claudia Busato, pelo apoio.
A meu melhor amigo, Lucas Magalhães, por sempre me apoiar e me incentivar.
A professora Renata Carvalho, que deu início como orientadora da minha pesquisa.*

RESUMO

O objeto desta pesquisa são as práticas do jornalismo esportivo e a inserção do entretenimento neste segmento. Para esse trabalho foi feita uma análise nos programas esportivos da Rede Globo como o *Esporte Espetacular*, *Globo Esporte* e o *Quadro Esportivo do Fantástico*. Foi possível observar que estes programas passaram a dar prioridade ao entretenimento, esquecendo-se muitas vezes do fazer jornalístico, que é trazer informação. O objetivo desta pesquisa é mostrar de que maneira e a partir de que momento o entretenimento passou a ser prioridade nos programas jornalísticos esportivos da Rede Globo. Foram escolhidos os programas da Rede Globo porque a emissora usa de quadros irreverentes, fazendo com que os programas jornalísticos de esporte pareçam mais com um show de humor e entretenimento, uma maneira fácil de atrair os telespectadores de todas as idades.

Palavras-chave: jornalismo esportivo, entretenimento, Rede Globo, futebol, esportes.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. Notícia, Informação e Entretenimento	Erro! Indicador não definido.2
1.1 O que é notícia?	Erro! Indicador não definido.2
1.2 O que é informação?	14
1.3 O que é entretenimento?	Erro! Indicador não definido.
2. A história do futebol.....	17
2.1 O espaço do futebol na mídia.....	19
3. O entretenimento invade o jornalismo esportivo .	Erro! Indicador não definido.
4. Análise comparativa e observacional	Erro! Indicador não definido.
4.1 Análise do Globo Esporte.....	Erro! Indicador não definido.
4.2 Análise do Esporte Espetacular	Erro! Indicador não definido.
4.3 Análise do Quadro Esportivo do Fantástico ..	Erro! Indicador não definido.
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
BIBLIOGRAFIA	Erro! Indicador não definido.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema o entretenimento no jornalismo esportivo: um estudo comparativo dos programas esportivos da Rede Globo (Globo Esporte, Esporte Espetacular e o Quadro Esportivo do Fantástico) e vai mostrar como o entretenimento causou mudanças nos programas jornalísticos esportivos da emissora.

O que se vê muito nos dias de hoje, principalmente no campo televisivo, é a difusão do 'jornalismo-entretenimento'. O Sistema Globo de Televisão usa em sua grade de programação inúmeros programas que fogem necessariamente de uma cobertura informativa, uma maneira fácil de atrair a massa e ganhar audiência. "Na era do entretenimento acima de todas as coisas, o jornalismo esportivo como um todo virou entretenimento esportivo" (BOAS, 2005, p.24).

Os programas esportivos que eram apresentados com formalidade, como na apresentação da voz marcante de Léo Batista na década de 1980 e 90, hoje são irreverentes, informais e sem a seriedade necessária. "O que se percebe nos dias de hoje é uma certa perda da identidade entre os veículos esportivos. O pior pecado da nossa mídia é desprezar as raízes" (BOAS, 2005, p. 52). Um bom exemplo disso são os programas: *Globo Esporte*, *Esporte Espetacular* e os quadros esportivos do *Fantástico*.

A emissora explora quadros irreverentes, com o 'João Sorrisão', alguns quadros sem qualquer informação como o 'Chico, o Torcedor' e o quadro 'Artilheiro Musical', como intitulou o apresentador Tadeu Schmidt no dia 20 de maio de 2012, do Fantástico.

Os programas esportivos estão mais preocupados em ganhar audiência do que passar alguma informação. Parece mais um programa de humor e entretenimento do que um programa esportivo, jornalístico acima de tudo. "Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público" (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p.13).

Podemos perceber que a maneira que os programas são apresentados, se torna uma forma mais fácil para atrair e ao mesmo tempo entreter o público.

Em 1978 quando o Globo Esporte era apresentado por Léo Batista, era um telejornal de esportes, apresentado de forma tradicional, atrás da bancada, com o texto sendo passado no teleprompter, como no Jornal Nacional. Hoje, com o avanço das tecnologias, o Globo Esporte virou apenas um programa de televisão. Os textos que eram lidos foram substituídos pelo improviso e o entretenimento e a ausência da bancada deu mobilidade ao âncora, permitindo – o andar de um lado para o outro.

Houve mudanças significativas desde que os programas *Globo Esporte*, *Esporte Espetacular* e *o Quadro Esportivo do Fantástico* foram ao ar pela primeira vez se comparados com os respectivos apresentados nos tempos atuais. Nota-se a “invasão” do entretenimento em todos os programas.

Para compreender as mudanças que ocorreram nos programas esportivos da Rede globo, é importante saber a diferença entre notícia, informação e entretenimento.

Notícia é um gênero da informação utilizada no campo do jornalismo. Em suma, deve retratar algo novo ou que seja de importância para o cotidiano das pessoas e que seja relevante, ou seja, que não seja uma mera informação. “Notícia identifica-se apenas com o que é surpreendente, absolutamente inédito. Em geral, a notícia se move com o motor da surpresa, mas não exclusivamente” (HENN, 1996, p. 31 e 32).

Já a informação é responsável pela organização de sistemas e identidades. Ela conecta o mundo, direciona a sociedade. Hoje em dia é praticamente impossível viver sem a informação.

“A informação, quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive” (*apud* BARRETO, 1994, p.39).

E o entretenimento, que é a definição mais importante para essa pesquisa, “se refere àquilo que diverte com distração ou recreação. Um espetáculo público ou mostra destinada a interessar ou divertir”. Ou também “um estado de felicidade ilusória” (GLABER, 2000, p. 19).

Para entender como ocorreu tal mudança nos programas esportivos da Rede Globo, foi feito um estudo comparativo e observacional.

Segundo Eva Lakatos, método comparativo “realiza comparações, com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências” e pode ser “usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento.” (LAKATOS, 1991, p.107).

O autor Antônio Carlos Gil compartilha da mesma opinião: “O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles” (GIL, 1999, p. 34).

Também foi usado o método observacional “um dos mais utilizados nas ciências sociais. Pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências” (GIL, 1999, P.34).

Dentro do método observacional, há a categoria de observação simples, que foi utilizada na pesquisa.

Para esse trabalho também foi usada a pesquisa bibliográfica e documental. Segundo Severino (2007), a pesquisa bibliográfica “se realiza a partir do registro disponível, decorrentes de pesquisas anteriores. É o ponto de partida para qualquer pesquisa científica” (SEVERINO, 2007, p.35).

De acordo com Antônio Carlos Gil (1991) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 1991, p. 48).

A pesquisa documental é assemelha-se com a pesquisa bibliográfica, e assim como todas “apresenta vantagens e limitações, como benefício é conhecido seu baixo custo, sua boa contribuição para o trabalho, pois documentos constituem uma fonte rica de pesquisa e a não necessidade de contato direto com o objeto de estudo, não provocando assim intervenções.” (GIL, 2009, p.53).

No primeiro capítulo será abordada a definição de notícia, informação e entretenimento, que, como citada a cima, é importante saber diferenciá-los para entender as mudanças ocorridas nos programas esportivos da Rede Globo.

O segundo capítulo conta a história do futebol e como conseguiu conquistar seu espaço na mídia.

Dando introdução à análise, o terceiro capítulo trata da “invasão” do entretenimento no jornalismo esportivo. Com a chegada de Tiago Leifert ao Globo Esporte, o programa teve grandes mudanças. De acordo com Leifert, o programa estava em um formato quadrado e chato, era como “estivesse usando smoking em uma rave”. Pode-se dizer que Leifert levou o entretenimento para o programa.

No quarto e último capítulo, é feita a análise do Globo Esporte, Esporte Espetacular e o Quadro Esportivo do Fantástico sendo eles comparados com outras edições, de diferentes anos, em diferentes décadas, a fim de se estabelecer parâmetros de comparação que demonstrassem de forma clara como ocorreram as mudanças nestes programas.

1. Notícia, Informação e Entretenimento

Neste capítulo será abordado o significado de notícia, informação e entretenimento. É importante diferenciar os três assuntos para que se possa entender as mudanças ocorridas nos programas jornalísticos esportivos da Rede Globo.

No tópico 1.1 traz o apontamento de vários autores explicando o que é notícia e como ela deve ser passada ao público. Da mesma forma, os tópicos 1.2 e 1.3 trazem, detalhadamente, diversas definições de informação e entretenimento, respectivamente.

1.1 O que é notícia?

Notícia é um gênero da informação utilizada no campo do jornalismo. Em suma, deve retratar algo novo ou que seja de importância para o cotidiano das pessoas e que seja relevante, ou seja, que não seja uma mera informação. “Notícia identifica-se apenas com o que é surpreendente, absolutamente inédito. Em geral, a notícia se move com o motor da surpresa, mas não exclusivamente” (HENN, 1996, p. 31 e 32).

Para que uma notícia seja bem elaborada e, principalmente, que atraia o receptor, deve-se levar em consideração a observação e a resposta de determinadas questões, como ‘o quê?’, ‘quem?’, ‘quando?’, ‘onde?’, ‘como?’, ‘e por quê?’, que no cotidiano do jornalismo é chamado de *lead*.

Nilson Lage arrolou algumas definições de notícia consideradas clássicas: a) um cachorro morde um homem, não é notícia; mas se um homem morde um cachorro, aí então, a notícia é sensacional (Alberto Cumming). b) é algo que não se sabia ontem (Turner Cateldge). e) é tudo o que o público necessita saber; tudo aquilo que o público deseja falar; quanto mais comentário suscite, maior é o seu valor; é a inteligência exata e oportuna dos acontecimentos que interessam aos leitores; são os fatos essenciais de tudo o que aconteceu ou ideia que tem interesse humano (Colliers Weekly). (HENN, 1996, p. 31)

Pode-se levar em consideração duas teorias e hipóteses que foram criadas por Walter Lippman e Mauro Wolf a respeito da comunicação. *Agenda-setting*, que nada mais é que um tipo de efeito social das mídias sobre os

temas que o público discutirá nos próximos dias, meses ou, até mesmo, anos e o *newsmaking*, ou simplesmente a importância das produções de notícias.

Wolf (2003) divide em duas partes a *agenda+-setting*. Em primeiro lugar, o autor cita a influência dos jornais impressos em relação aos outros meios, mas não deixando de lado a presença da televisão, hoje, um dos principais meios de comunicação utilizada pela grande massa:

Os jornais são os primeiros promotores a organizar a agenda do público. Eles definem amplamente o âmbito do interesse público, mas os noticiários televisivos não são totalmente desprovidos de influência. A televisão possui um certo impacto a curto prazo (...) o melhor modo de descrever e distinguir essas influências seja chamar a função dos jornais de '*agenda-setting*' e a da televisão de '*ênfase*'. Muitas vezes, a natureza fundamental da agenda parece ser organizada pelos jornais, enquanto a televisão essencialmente reorganiza ou reordena os temas principais da agenda (WOLF, 2003, p.163).

No entanto, graças ao aumento de telespectadores, os periódicos começaram a retratar marcos históricos com o objetivo de resgatar o leitor de antigamente.

Repropõe-se o problema da eficácia variada entre imprensa e televisão. Se é verdade que a informação impressa organiza-se em torno da memória dos acontecimentos, enquanto a televisiva concentra-se mais na atualidade, pode-se imaginar para a imprensa uma função de '*produção de informação secundária ou informação tematizada*', que amplia a notícia, contextualizando-a e aprofundando-a. Esta permite ou permitiria ultrapassar cada acontecimento para inseri-lo seja no seu contexto social, econômico, político, seja um quadro interpretativo que o vincula a outros acontecimentos e fenômenos (WOLF, 2003, p.166)

A segunda parte da *agenda-setting* está ligada à tematização, ou seja, colocar em ordem de atenção e importância das notícias. Esse feito é visto, por exemplo, nas capas de jornais, revistas e *websites* além das aberturas de um programa de rádio ou televisão, fazendo com que "nem todo acontecimento ou problema é suscetível de tematização" (WOLF, 2003, p.166).

Ou seja: eles reconhecem a importância da informação e começam a cultivá-la para o público. A agenda-setting, portanto, estende-se em "receber as integrações e sugestões necessárias do estudo sobre condições sociais, profissionais e técnicas de transformação dos eventos em notícias e temas" (WOLF, 2003, p.167).

No entanto, nos dias atuais, o que se vê é um sensacionalismo por parte da mídia. Tais questões são respondidas com o intuito de atrair ainda mais a massa. Tanto é que nos programas televisivos, o que mais se vê é uma deturpação da notícia, visando somente a visão editorial, sem perceber ambos os lados.

1.2 O que é informação?

A informação é responsável pela organização de sistemas e identidades. Ela conecta o mundo, direciona a sociedade. Hoje em dia é praticamente impossível viver sem a informação.

A informação sintoniza o mundo. Como elemento organizador, a informação referencia o homem ao seu destino. A importância que a informação assumiu na atualidade pós-industrial recoloca para o pensamento questões sobre sua natureza, seu conceito e os benefícios que podem trazer ao indivíduo e seu relacionamento com o mundo em que vive (apud BARRETO, 1994).¹

O entendimento de informação, segundo Machado & Machado (1996), “depende muito da condição de interpretação dos fatos e da determinação da inerência do dado pelo analista de sistemas” (MACHADO, 1996, p.69). Ou seja, “é necessário saber interpretar o que um dado caracteriza, ou a quem este se relaciona, para que, durante um acesso, tal dado obtido seja, efetivamente, uma informação dentro do que se chama modelo entidade-relacionamento” (apud SOBRINHO, 2007).

No início do século XX, respectivamente na década de 80, após a Era Industrial, incorporou-se à sociedade uma nova era, denominada a Era da Informação, mais conhecida como a Era Digital, caracterizada principalmente pela evolução da tecnologia, como por exemplo, a chegada do celular.

Com a Era Digital em ascensão, a facilidade de troca de informações se tornou imprescindível, principalmente com o surgimento da Internet no Brasil na década de 90, onde a comunicação se tornou mais rápida e espontânea.

¹ Esta é uma citação retirada de um artigo que não contém páginas. Link disponível em: <http://aldoibct.bighost.com.br/quest/quest2.pdf>

A informação, quando adequadamente assimilada, produz conhecimento, modifica o estoque mental de informações do indivíduo e traz benefícios ao seu desenvolvimento e ao desenvolvimento da sociedade em que ele vive (apud BARRETO, 1994)²

Como um dos primeiros meios de comunicação para transmissão de informações foi o rádio em meados do século XIX, a era Digital no século XX entrou no mercado midiático como uma grande evolução, principalmente pela rápida transmissão de dados e informações. Com a chegada da internet, a facilidade e a espontaneidade da informação ficou marcada como um dos principais pontos de transmissão de notícias. O esforço para a apuração de uma informação, ou até mesmo em fazê-la chegar ao público. Para os veículos de imprensa atualmente, o que vale não é mais a qualidade que a notícia será repassada ao público, mas sim a espontaneidade que ela chegará aos mesmos.

1.3 O que é entretenimento?

Segundo Neol Glaber (2000), “entretenimento se refere àquilo que diverte com distração ou recreação. Um espetáculo público ou mostra destinada a interessar ou divertir”. Ou também “um estado de felicidade ilusória” (2000, P. 19).

O autor Luiz Gonzaga Trigo, em seu livro *Entretenimento – Uma Crítica Aberta* compartilha da mesma opinião de Glaber:

Entretenimento é palavra de origem provavelmente latina e vem inter (entre) e tenere (ter). Atente-se ao fato de que, segundo o Aurélio, o verbo entreter tem o sentido de “deter, fazer demorar ou esperar com promessas ou conversas vãs, etc., para desviar a atenção; para distrair”. Dos dez sentidos apontados pelo dicionário, a maioria deles tangencia o campo de “iludir, enganar”, como se vê no exemplo citado: “É obra medíocre, mas a sua leitura a entretém” (...) o entretenimento é mesmo divertido, fácil, sensacional, irracional, previsível e subversivo. É um espetáculo para as massas (...) (TRIGO, 2003, p.10).

² Esta é uma citação retirada de um artigo que não contém páginas. Link disponível em: <http://aldoibct.bighost.com.br/quest/quest2.pdf>

O que se vê muito nos dias de hoje, principalmente no campo televisivo, é a difusão do ‘jornalismo-entretenimento’. O Sistema Globo de Televisão, apesar de ser considerada uma das principais estruturas para a cobertura jornalística, usa em sua grade de programação inúmeros programas que fogem necessariamente de uma cobertura informativa, uma maneira fácil de atrair a massa e ganhar audiência, seja com programas matinais ou com novelas. “Na era do entretenimento acima de todas as coisas, o jornalismo esportivo como um todo virou entretenimento esportivo” (BOAS, 2005, p.24).

Os programas esportivos que eram apresentados com formalidade, como na apresentação da voz marcante de Léo Batista na década de 1980 e 90, hoje são irreverentes, informais e sem a seriedade necessária. “O que se percebe nos dias de hoje é uma certa perda da identidade entre os veículos esportivos. O pior pecado da nossa mídia é desprezar as raízes” (BOAS, 2005, p. 52). Um bom exemplo disso são os programas: *Globo Esporte*, *Esporte Espetacular* e os quadros esportivos do *Fantástico*.

A emissora explora quadros irreverentes, com o ‘João Sorrisão’, alguns quadros sem qualquer informação como o ‘Chico, o Torcedor’ e o quadro ‘Artilheiro Musical’, como intitulou o apresentador Tadeu Schimidt no dia 20 de maio de 2012, do Fantástico. Alguns esportistas, por sua vez, por quererem que o esporte fosse tratado de maneira mais correta e séria, não aprovaram pautas com matérias com um tom de entretenimento, como foi o caso do argentino Hernán Barcos.

No dia 16 de fevereiro de 2012 o jogador Barcos entrou em atrito com um repórter da Globo e o chamou de *boludo* (babaca, em espanhol). Isso fez com que o apresentador do Globo Esporte de São Paulo, Tiago Liefert, desabafasse na rede social, *Twitter*, algo que representa os padrões de jornalismo esportivo da emissora: “Eu não levo nem nunca vou levar esporte a sério. Quem leva (como alguns babacas na minha TL) não entende o que é esporte” (LEIFERT, Twitter 2012).

O blogueiro Maurício Stycer (UOL, 2012), um dia após o episódio, lamentou tal atitude do apresentador global:

Leifert tem todo o direito de transformar o programa jornalístico que apresenta num show de humor e diversão, mas não fica bem tentar convencer todo mundo de que esta é a única forma de enxergar o esporte e o jornalismo. Esporte é sinônimo de

paixão, mas também de negócio bilionário. Nem todo jogador acha legal comemorar gol imitando João Sorrisão. Nem todo torcedor é bobo. E isso não tem nada a ver com bom ou mau humor, com gostar ou não de piadas. (STYCER, 2012)

O que se pode notar é que os programas esportivos estão se esquecendo da essência do futebol e estão mais preocupados com o que interessa o público e o que da Ibope. Jornalismo esportivo não é só entretenimento. Assim como qualquer área no jornalismo, o esportivo também deve trazer informação.

Na TV arreganhada – quero dizer, na TV aberta-, então, mais importante que a câmera é quem vai estar à frente dela. Se loira de saias curtas e olhos claros, melhor. Na falta de melhor material, o apresentador deve ter um sorriso bonito. Muito mais que o conteúdo, é preciso agilizar a informação. A deformação. A formação. É preciso colorir o jogo, dourar a pílula, chumbar os olhos do telespectador (BOAS, 2005, p.24).

Pode se dizer que o jornalismo esportivo não é mais passado ao público com formalidade e sim como uma forma para descontrair e entreter o telespectador.

2. A história do futebol

Até hoje não existe um registro definido de quando e onde foi criado o futebol, o que se pode afirmar é que há muito tempo atrás, em algumas culturas, a população fazia algo que era parecido com o futebol de hoje. Algumas brincadeiras chutando a bola, mas sem nenhuma regra.

No século XX o futebol começou a se oficializar na Inglaterra com algumas regras, onde o objetivo do jogo era chutar a bola para o gol.

De acordo com Paulo Vinicius Coelho, o esporte mais popular no século XX, no Brasil, era o remo. Graciliano Ramos, dizia que “o que vinha de fora não poderia pegar com facilidade no Brasil. E nada mais inglês do que o futebol. Pelo menos o futebol jogado naquele tempo” (COELHO, 2004, p. 7).

A Rede Globo transmitiu a novela Lado a Lado, que teve fim no mês de março de 2013, que relatava uma parte da história brasileira. O futebol chegou ao Brasil em 1894 quando Charles Willian Miller trouxe da Inglaterra duas bolas. A novela mostrou que o esporte era praticado apenas pela elite branca e somente em 1920 os negros foram aceitos no jogo. O primeiro time de futebol no Brasil que teve um jogador negro foi o Clube de Regatas Vasco da Gama.

Até que o Vasco, em 1923, venceu a Segunda Divisão apostando na presença dos negros em seus quadros. Era a popularização que faltava. Os negros entravam de vez no futebol, tomavam a ponta no esporte. O Vasco foi campeão carioca pela primeira vez em 1924 (COELHO, 2004, p. 9).

Por ser um esporte novo até então, “pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. Imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular da época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal” (COELHO, 2004, p.7).

Em 1925, pesquisas mostravam que o futebol já era considerado esporte e paixão nacional. “No Brasil, o futebol, mais especificamente, é um esporte profissional desde 1933. No início do século XXI, tornou-se a maior atração da indústria mundial de entretenimento” (UNZELTE, 2009, p.6).

O Brasil conquistou o bi campeonato sul americano em 1979 e em 1927 seria realizada a primeira Copa do Mundo, mas “o profissionalismo só chegaria

ao país oito anos mais tarde” (COELHO, 2004, p. 10). Não era admissível pagar os atletas que praticavam o esporte. O assunto gerou grandes polêmicas. “Até hoje há quem pense assim. Julgam que o jogador de futebol ganha dinheiro demais para exercer atividade que quase não exige esforço intelectual” (COELHO, 2004, p. 11).

Com o passar do tempo, o futebol foi ganhando cada vez mais espaço no Brasil. “A população, portanto, se apaixonou ainda mais pelo futebol depois da primeira conquista da Seleção Brasileira” (COELHO, 2004, p.15). Foram nascendo os famosos clássicos do futebol, trazendo uma rivalidade para o campo e também para as arquibancadas. Com isso, as torcidas organizadas de cada time foram sendo criadas, levando mais emoção a quem presenciasse esse “espetáculo a parte”.

A noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. Alguns dos melhores jornalistas brasileiros começaram a carreira no jornalismo esportivo. Joelmir Beting trabalhou com esportes nos anos 50. Desistiu por não conseguir controlar o impulso de torcer para o Palmeiras. Armando Nogueira foi jornalista esportivo antes de assumir a direção da Rede Globo. Alberico Souza Cruz também trabalhou com esportes (COELHO, 2004, p.22).

É incrível como tantos sentimentos são despertados quando estamos assistindo à uma partida de futebol. não é necessário ser fanático e nem amante do jogo, mas é impossível não se arrepiar com cada canto e grito soltado das arquibancas, é difícil não ficar deslumbrado com as cores e a festa que as torcidas organizadas fazem no estádio, vibrar a cada gol marcado, não se emocionar com um título conquistado, quando uma taça é levantada.

O futebol está no coração do brasileiro. Não é a toa que o Brasil é conhecido como o país do futebol e do samba. Mesmo aquele que não torce para um time, que não acompanha os jogos. Quando a Seleção Brasileira vai à campo, não há quem não pare de fazer o que estar fazendo para assistir à partida.

2.1 O espaço do futebol na mídia

O futebol demorou para ganhar espaço nos jornais, revistas, TVs e rádios. No meio do século XX, muitos jornalistas que escreviam matérias para cadernos específicos nos jornais, duvidavam que o futebol pudesse ganhar um espaço grande. Mais um palpite errado, como o de Graciliano Ramos quando disse que a moda do futebol não pegaria facilmente no Brasil. “No final dos anos 60, um aventureiro resolveu lançar não um caderno, mas uma revista inteiramente dedicada ao futebol. Placar nunca sairia dos primeiros números, imagina João Saldanha” (COELHO, 2004, p.8).

Em 1910 o jornal *Fanfulla* (jornal de São Paulo) fazia algumas páginas dedicadas ao esporte. Era um jornal que “não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos” (COELHO, 2004, p.8).

No século passado, “dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário” (COELHO, 2004, P.9).

Mesmo com o futebol já sendo considerado paixão nacional, revistas e jornais que se dedicaram ao esporte iam surgindo e com a mesma facilidade iam sumindo e saindo do mercado.

Só no fim da década de 1960, os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o Caderno de Esportes, que originou o Jornal da Tarde, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro (COELHO, 2004, p. 10).

A partir dos anos 40 o futebol “o futebol ganhou os relatos apaixonados em espaços cada dia maiores. Nos diários cariocas, especialmente. E com colunistas como Mário Filho e Nelson Rodrigues” (COELHO, 2004, p. 15).

Nelson Rodrigues e Mario Filho eram irmãos. Mário Filho era o mais velho, e todos percebiam sua paixão pelo Rubro Negro (Flamengo), embora ele não dissesse claramente que era torcedor do time. “Foi ele o fundador do Jornal dos Sports, no início dos anos 30, na mesma época em que o futebol ganhou de vez cara de profissional” (COELHO, 2004, p. 15).

3. O entretenimento invade o jornalismo esportivo

O que podemos notar nos programas esportivos dos dias atuais é que o entretenimento ganhou um espaço muito grande e talvez por isso não seja levado a sério como outras áreas do jornalismo.

“Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público” (BARBEIRO E RANGEL, 2006, p.13).

Os programas esportivos estão mais preocupados em ganhar audiência do que passar alguma informação. Parece mais um programa de humor e entretenimento do que um programa esportivo, jornalístico acima de tudo.

Afinal, quem falou que um programa esportivo tem que ser passado de uma maneira engraçada? O jornalismo esportivo deveria ser levado a sério, assim como era nas décadas de 1980 e 90.

No programa *Esporte Espetacular*, apresentado pela Rede Globo aos domingos pela manhã, não é preciso acompanhar toda semana para ver que a vida de um jogador que está no seu auge vira notícia. Fazem matérias sobre a nova namorada, a lancha que custou milhões de reais, e por aí vai. Falta de pauta ou um jeito mais fácil de ganhar a atenção dos telespectadores?

A tática de um jogo e de um time não é interessante. Mas é importante. É função básica da imprensa tornar interessantes os assuntos importantes. Como a tática de um jogo; como as jogadas de bastidores. É chato, mas é preciso falar, criticar, questionar, procurar. Poucos veículos e ainda menos jornalistas conseguem entrar de sola nas questões de campo e extracampo. Os jargões “o público não se interessa”, “isso não da ibope”, tiram o assunto da pauta, e o futebol, do sério (BOAS, 2005, p 17).

O jornalismo esportivo deve ser passado de uma forma mais leve, mas não deve se esquecer da essência e das raízes. “A mídia está o que está no novo milênio pela ditadura do Ibope. Os índices de audiência pautam a cobertura. Logo, manda na mídia quem manda na arquibancada, mais que no campo” (BOAS, 2005, p.28).

Podemos perceber que a maneira que os programas são apresentados, se torna uma forma mais fácil para atrair e ao mesmo tempo entreter o público.

Em 1978 quando o Globo Esporte era apresentado por Léo Batista, era um telejornal de esportes, apresentado de forma tradicional, atrás da bancada, com o texto sendo passado no teleprompter, como no Jornal Nacional. Hoje, com o avanço das tecnologias, o Globo Esporte virou apenas um programa de televisão. Os textos que eram lidos foram substituídos pelo improvisado e o entretenimento e a ausência da bancada deu mobilidade ao âncora, permitindo – o andar de um lado para o outro.

Tiago Leifert, apresentador do Globo Esporte de São Paulo, que também apresentou a primeira edição do The Voice Brasil, deixa bem claro como vê o jornalismo esportivo:

Jornalismo esportivo é uma coisa sem vida, sem emoção, sem paixão, isto está na matéria do exame de doping, em uma briga de torcida. Mas o esporte é legal porque ele diverte, ninguém assiste ao jogo do Corinthians para se informar, assiste para se divertir, para torcer, xingar o juiz. O jornalismo no Globo Esporte estava muito pesado, eu brinco que a gente estava numa rave usando smoking. Hoje eu acho que é muito mais entretenimento do que informação, ele tem um peso maior no programa (LEIFERT, 2009, apud BEZERRA, 2009).³

Renata Cuppen, editora de texto do Globo Esporte de São Paulo, também tem a mesma opinião:

O programa hoje tem jornalismo, mas a gente está tentando que ele seja um programa de televisão em primeiro lugar. A gente não quer que ele seja um programa só de jornalismo, a informação tem que estar lá, mas ela pode chegar ao telespectador de uma forma legal, não precisa ter aquela cara de jornalismo formal em que o apresentador não expressa opinião. Ele pode ser divertido, pode ser um programa de televisão, de entretenimento, por que não? (CUPPEN, 2009, apud BEZERRA, 2009).⁴

Houveram mudanças significativas desde que os programas *Globo Esporte*, *Esporte Espetacular* e *o Quadro Esportivo do Fantástico* foram ao ar pela primeira vez se comparados com os respectivos apresentados nos tempos atuais. Nota-se uma grande “invasão” do entretenimento em todos os programas. Como já citado anteriormente, o entretenimento é uma maneira mais fácil de atrair o público, para que a emissora ganhe mais audiência.

³ Esta citação é uma fala do jornalista Tiago Leifert retirada do trabalho disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/9026/6249>

⁴ Ibidem.

4. Análise Comparativa e Observacional

Para essa pesquisa foi usado o método comparativo. Segundo Eva Lakatos, método comparativo “realiza comparações, com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências” e pode ser “usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento.” (LAKATOS, 1991, p.107).

Antônio Carlos Gil compartilha da mesma opinião: “O método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles” (GIL, 1999, p. 34).

O método comparativo permite analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais. Constitui uma verdadeira “experimentação indireta”. É empregado em estudo de largo alcance e de setores concretos, assim como para estudos qualitativos e quantitativos (LAKATOS, 1991, p.107).

Também foi usado o método observacional “um dos mais utilizados nas ciências sociais. Pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências” (GIL, 1999, P.34).

Dentro do método observacional, há a categoria de observação simples, que foi utilizada na pesquisa.

Entende-se aquela em que o pesquisador permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Embora a observação simples possa ser caracterizada como espontânea, informal, não planejada, coloca-se num plano científico, pois vai além da simples constatação de fatos (GIL, 1999, p.111).

Para essa pesquisa foram analisados quatro edições do *Quadro Esportivo do Fantástico*, no mês de abril de 2013, sendo eles comparados com outras edições, de diferentes anos, em diferentes décadas, a fim de se estabelecer parâmetros de comparação que demonstrassem de forma clara como ocorreram as mudanças no *Quadro Esportivo do Fantástico*.

Assim como na comparação do *Quadro Esportivo do Fantástico*, no caso do Globo Esporte também foram analisadas diferentes edições do programa, incluindo um fragmento da primeira a ir ao ar, ainda no ano de 1978. Além deste fragmento, imagens de diferentes edições em diferentes décadas, onde

as mudanças no programa foram mais significativas e puderam ser contrastadas de uma forma mais clara.

A mesma estratégia de comparação também foi aplicada ao *Esporte Espetacular*. Para se traçar um comparativo mais preciso sobre como o programa sofreu modificações durante os anos no ar, foram escolhidas edições de diferentes décadas, onde as mudanças não só do estúdio e estruturais, além da forma de apresentação foram sendo modificadas, até chegar ao formato que apresenta hoje, cuja única semelhança com os primeiros programas é o fato de informar sobre o mundo esportivo, mas tem características completamente diferentes, uma vez que a seriedade dos primeiros programas e as cabeças de matérias lidas quase de forma mecânica nos programas pioneiros deram espaço à descontração e comentários das notícias nas edições atuais do *Esporte Espetacular*.

4.1. Análise do Globo Esporte

A primeira edição do *Globo Esporte* foi ao ar em 1978 e foi apresentada pelo jornalista Léo Batista. O programa passou a ser exibido logo após o fim da Copa do Mundo daquele ano e figura na grade de programação da Rede Globo até hoje.

Em seu início, o programa era líder de audiência, no entanto, nos últimos seis anos, o formato sério passou a não chamar mais a atenção dos telespectadores, o que obrigou a emissora a fazer mudanças significativas.

O telejornal *Globo Esporte* está no ar desde 14 de agosto de 1978 e tinha em seu comando a apresentação de Léo Batista. O programa cobriu diversas competições esportivas e sempre foi líder de audiência. Mas nos três últimos anos, vinha sofrendo com a baixa audiência, inclusive perdendo para o seriado *Chaves*, do SBT. Diversos motivos levaram a esta situação, principalmente o formato “engessado” da atração e a nacionalização da notícia esportiva. Até o final de 2007, o GE era transmitido do Rio de Janeiro por Milena Ceribelli e Léo Batista em rede nacional, exceto para São Paulo e Belo Horizonte. Para todo o estado de São Paulo, a apresentação era feita por Glenda Kozlowski. E segundo Renata Cuppen, atual editora de texto do *Globo Esporte*, a linguagem era ainda muito dura, apenas uma troca de câmera o que deixava o apresentador muito estático com o chroma key no fundo servindo de cenário (apud BEZERRA, 2009).

Durante anos o formato do programa era diferente do que é apresentado hoje. O telejornal era transmitido de uma maneira formal, onde o apresentador ficava sentado atrás de uma bancada apenas chamando as matérias, sem fazer qualquer tipo de comentário sobre as notícias.

No vídeo disponível no link <http://www.youtube.com/watch?v=mxCuXP1E0OU>, acessado em 28/5/2013, que data de 1978 e mostra a primeira edição do *Globo Esporte* que foi ao ar, é possível ver como era a estrutura do programa no começo de sua veiculação. Com Léo Batista atrás de uma bancada, apenas chamando as notícias, sem tecer qualquer comentário sobre elas e de maneira formal, é possível se ter uma ideia de como era o programa no fim da década de 1970.

Já no vídeo que pode ser visto em http://www.youtube.com/watch?v=ck_H9A_uNoU, acessado em 28/5/2013, que data de 16/12/2002, já é possível se notar mudanças em relação à estrutura física do programa. A apresentadora Mariana Becker não aparece mais atrás da bancada e apresenta o telejornal em pé. O chroma key do fundo não é mais tão simples e apresenta mais detalhes, como, por exemplo, um maior número de cores, o que traz mais leveza ao cenário.

No mesmo vídeo também é possível notar como, mesmo que de forma tímida, a apresentadora do programa interage com a notícia, uma vez que Mariana Becker “conversa” com o jogador Elano, à época no Santos Futebol Clube (SP), logo após a apresentação das imagens do atleta carregando a taça de campeão brasileiro de futebol daquele ano.

O vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=SwUnPTQ0H2c>, acessado em 28/5/2013, que data de 11/1/2010, mostra a que ponto chegaram as mudanças no *Globo Esporte*. No vídeo citado, ocorre um flashback, onde o apresentador Tiago Leifert, em uma mostra de sua habilidade de improviso, uma vez que o recurso do teleprompter não mais era usado na ocasião, promete cortar um dos braços caso os jogadores Adriano e Ronaldinho Gaúcho, à época jogando no futebol europeu, fossem repatriados e passassem a jogar novamente no Brasil.

Passada a repetição da “promessa” de Leifert, uma imagem de Adriano negando a volta ao Brasil e posteriormente a afirmação da então presidente do Clube de Regatas Flamengo, Patrícia Amorim, afirmando que Ronaldinho

Gaúcho passaria a figurar no elenco rubro-negro obrigam Tiago Leifert a cumprir sua promessa.

Naturalmente, o apresentador não cortaria um dos seus braços e, graças a truques de computação gráfica, consegue a proeza, não antes de serem mostradas várias cenas de filme de terror para mostrarem ao telespectador qual seria o teor da matéria. Neste caso específico, a parte jornalística da notícia parou quando Patrícia Amorim anunciou a contratação de Ronaldinho Gaúcho.

A partir daí, veio uma sucessão de cenas que nada tinham a ver com o jornalismo e que apenas atendiam aos interesses de entretenimento do programa, uma vez que a cena de comédia “pastelão” de Tiago Leifert supostamente cortando um de seus braços traria um número maior de telespectadores, uma vez que a notícia da contratação de Ronaldinho Gaúcho já havia sido amplamente explorada não só pela Rede Globo em seus demais programas, mas também por outros canais de televisão, mas também por jornais impressos e pelas mais diversas rádios do Brasil.

No vídeo disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ky9NhiRbzYo>, que data de 25/12/2010 e acessado em 28/5/2013, pode-se notar mais um exemplo de como o entretenimento tomou conta do *Globo Esporte*, que inclusive mudou de nome especialmente nesta edição para *Globo Esporte de Ouro*.

Em um programa diferente, a atração esportiva diária promove um flashback, tomando para si elementos do programa *Globo de Ouro*, famoso programa também da Rede Globo que foi ao ar nas décadas de 1970, 1980 e teve sua exibição encerrada em 1990, e esquece o teor jornalístico da atração. Para tanto, o programa, apresentado na ocasião por Tiago Leifert, muda completamente o cenário do programa, fazendo com que ele se aproximasse do cenário do *Globo de Ouro*, com luzes e adereços que nada tinham a ver com o cenário original do *Globo Esporte*.

Além da mudança no cenário, o programa não veiculou notícias do mundo esportivo, se atendo apenas em mostrar imagens de atletas e comentaristas cantando e dançando. Essa edição do *Globo Esporte* mostrou como o entretenimento, mais uma vez, foi colocado em um plano de maior importância do que um dos pilares do jornalismo: a informação. Neste caso, o

programa reservou grande parte de seu tempo no ar para fazer paródias com os atletas e com comentaristas.

Pode-se dizer que a chegada de Tiago Leifert ao *Globo Esporte*, em 2009, mudou de vez a cara do programa. Com muitas ideias e uma visão diferente do jornalismo esportivo, Leifert levou para as telas uma mistura de humor e entretenimento. “Vocês precisam colocar videogame no GE, precisam mudar a linguagem, vocês estão com um problema de linguagem grave, precisa usar a linguagem do torcedor, está tudo muito chato e quadrado” (LEIFERT, 2009, apud BEZERRA, 2009)

A partir disto, a mudança no *Globo Esporte* passou a ser também física, uma vez que a bancada deu espaço a televisores de última geração, além de chroma keys cada vez mais interativos, fazendo com que o programa ficasse cada vez mais próximo das tecnologias atuais.

4.2. Análise do Esporte Espetacular

No ar desde 1973, mas com algumas interrupções que juntas chegaram a dois anos, o *Esporte Espetacular* é o programa esportivo que há mais tempo figura na grade horária da Rede Globo. Desde o começo de suas exposições, a atração passou por diversas mudanças, sejam elas técnicas, como estéticas.

Assim como o *Globo Esporte* e o *Quadro Esportivo do Fantástico*, o *Esporte Espetacular* também passou por diversas mudanças durante seu tempo de exibição.

No começo, o programa tinha como principal fonte de materiais o programa norte-americano *Wide World of Sports*, do canal ABC, que tinha matérias reproduzidas no *Esporte Espetacular*. Isso fazia com que esportes pouco conhecidos no Brasil, como a patinação no gelo, fossem mostradas durante o programa.

Do ponto de vista estético, o *Esporte Espetacular* era pouco atraente, uma vez que os apresentadores ficavam em pé, estáticos, apenas chamando as matérias, sem fazer comentários sobre elas. O corte de imagem de um âncora para o outro era realizado de forma bruta, deixando clara a falta de recursos tecnológicos. Além disso, o programa tinha aspecto formal, uma vez que os apresentadores muitas vezes utilizavam linguagem rebuscada nos textos das matérias.

As primeiras mudanças importantes no *Esporte Espetacular* começaram em 1976. A principal modificação notada foi o começo de produção de conteúdos próprios, feitos pela equipe do programa, deixando um pouco de lado as matérias do *Wide World of Sports*. No ano seguinte, o formato do *Esporte Espetacular* mudou, ganhando forma de revista eletrônica, onde as matérias veiculadas ganharam um tom mais leve e divertido.

Depois de um período fora do ar, o *Esporte Espetacular* voltou à grade da Rede Globo novamente repaginado. Com um foco no esporte nacional e nos esportes radicais, o programa continuou conquistando seu espaço no telejornalismo esportivo brasileiro. Apesar de retratar modalidades esportivas pouco exploradas pelos demais programas, o *Esporte Espetacular* sempre mostrou os esportes de forma factual, no máximo dando atenção a fatos curiosos relativos à modalidade retratada. Isso começou a mudar nos anos 90, quando os apresentadores Fernando Vannucci e Milena Ciribelli, que muitas vezes chegaram a participar das modalidades que seriam apresentadas nas reportagens.

As matérias de entretenimento aliadas à informação também se tornaram comuns no *Esporte Espetacular* na década de 90, em especial com a reportagem de Décio Lopes sobre os Jogos Abertos Indígenas, que foram realizados em 1995. A partir de então, o *Esporte Espetacular* passou a mostrar diversos temas relacionados ao esporte, mas nem sempre com um foco na modalidade. É o caso das matérias de turismo esportivo, onde o repórter leva o telespectador a cenários exóticos, fazendo com que o programa conquiste um público-alvo que não seja apenas o que busca informações sobre o seu time de

coração ou até mesmo aqueles que não se interessariam por matérias sobre jornalismo esportivo.

Ainda na década de 90, as matérias de cunho humanizado se tornaram recorrentes no programa. Neste tipo de reportagem, não se visa apenas retratar o atleta dentro de quadra ou do campo, mas também o seu comportamento fora do tempo de competição, tentando demonstrar que o atleta, quando não está competindo, é uma pessoa comum. Esse tipo de matéria faz parte de grande fatia dos assuntos cotidianos do *Esporte Espetacular*, vide exemplo das matérias biográficas dos astros do futebol internacional Lionel Messi e Cristiano Ronaldo, que tiveram suas vidas mostradas desde a infância até os dias atuais em reportagens especiais do programa.

Além de matérias biográficas sobre os atletas, assuntos surgidos durante a semana ganham importância no *Esporte Espetacular*. O caso de comemorações de gols inusitadas, como a do João Sorrisão ou as danças protagonizadas por Neymar, atacante do Santos conhecido por inovar em suas celebrações após marcar um gol nos jogos de sua equipe, passam a ser relevantes, às vezes até mais do que o resultado da partida em si. Esse tipo de reportagem traz à tona questionamentos acerca da real importância do jornalismo esportivo em alguns casos. O fato de mostrar as comemorações dos gols como algo importante, em detrimento de informar sobre a partida como um todo mostra que atualmente o entretenimento tem exercido papel fundamental sobre os programas de jornalismo esportivo.

Mesmo assim, esse tipo de matérias tem atraído mais fãs e o número de reportagens relacionadas a assuntos mais ligados à parte de entretenimento do que à informação vem crescendo, o que faz com que não se saiba o que esperar do futuro de programas como o *Esporte Espetacular*, que começou como um programa exclusivamente informativo, mas pouco a pouco foi mudando o seu formato até chegar ao modelo atual, onde, em muitos casos, se prioriza o entretenimento, deixando a informação em segundo plano.

4.3. Análise do Quadro Esportivo do Fantástico

Assim como *Esporte Espetacular* e *Globo Esporte*, o *Quadro Esportivo do Fantástico*, também passou por mudanças nos últimos anos. Durante anos, o *Fantástico* não contava com um quadro específico para tratar de esportes, tendo apenas um espaço durante um dos blocos para falar do assunto, como pode ser visto em <http://www.youtube.com/watch?v=YaiaCbKIYhw>, link acessado em 17/5/2013, um trecho do programa de 8/7/1990, onde matérias sobre a Copa do Mundo daquele ano foi veiculada em meio a matérias da editoria de Mundo, como a política externa da União Soviética e os conflitos na Albânia.

No vídeo acima citado, as matérias mostradas têm um cunho factual, mostrando como foi a final da Copa, com trechos dos lances da partida. Além de mostrar aspectos do jogo, as matérias vão um pouco além mostrando as reações dos jogadores e torcedores após a partida, mas sempre com um aspecto na notícia, sem privilegiar fatos curiosos ou inusitados do jogo.

Anos mais tarde, o *Fantástico* passou a adotar um formato diferente para passar as informações dos esportes. Com um foco na rodada do futebol disputada no fim de semana, seja dos campeonatos regionais ou das diversas divisões do Campeonato Brasileiro, o *Fantástico* adotou o quadro chamado de “*Gols do Fantástico*”.

Com ênfase nos gols das partidas disputadas pelo Brasil, ou nos lances de maior importância dos jogos, com narração de Leo Batista, o *Quadro Esportivo do Fantástico* era praticamente monopolizado pelo futebol. As exceções eram as disputas de outras modalidades que por ventura ocorressem no domingo, caso das corridas de Fórmula 1, tradicionalmente disputadas nas manhãs de domingo e que ganham espaço de destaque no jornal dominical da Rede Globo visto que a modalidade ainda é uma das grandes paixões do brasileiro.

Um exemplo de como os “*Gols do Fantástico*” eram mostrados pode ser visto em http://www.youtube.com/watch?v=z6J_bBJwAMc, acessado em 17/5/2013, mostra um trecho do programa que data de 25/3/2001, e mostra

claramente a objetividade da Rede Globo em apenas transmitir os gols dos jogos do dia, além de alguns poucos detalhes do jogo, como a chuva que caiu incessante e causou o atraso do início em uma das partidas mostradas no vídeo citado.

Foi a partir de 2007 que o *Fantástico* passou a adotar o atual formato do “*Gols do Fantástico*”. Capitaneadas por Tadeu Schmidt, que anteriormente já havia aparecido em outros programas da TV Globo e do canal por assinatura *Globo News*, o quadro de esportes do *Fantástico* passou a englobar mais modalidades, e também passou a demonstrar mais irreverência. Expressões como “Artilheiro Musical”, que faz com que o jogador que marca três gols em um jogo escolha uma música para ser tocada enquanto seus gols são mostrados ou “Bola Cheia e Bola Murcha”, que mostra personagens habilidosos e nem tão habilidosos nas peladas de fim de semana caíram no gosto popular e consolidaram o sucesso da mudança do *Quadro Esportivo do Fantástico*.

Na apresentação dos gols e dos destaques dos demais esportes, Tadeu Schmidt usa o bom-humor para trazer as notícias. O novo formato do *Quadro Esportivo do Fantástico* também mostra sensível diferença em relação a tempos anteriores do quadro, visto que além dos gols e lances perigosos das partidas de futebol, ou principais destaques das demais modalidades mostradas, fatos inusitados e engraçados dos eventos são mostrados, muitas vezes fazendo com que o entretenimento seja privilegiado em detrimento do jornalismo, a exemplo do que acontece no *Globo Esporte*.

Um dos fatores que contribuem para o bom humor nas apresentações é a frequente criação de bordões por parte de Tadeu Schmidt, como o “Quê que é isso, rapaz”, bradado sempre que um lance bizarro, positivo ou negativo, acontece durante a apresentação dos principais momentos de um jogo.

Além do “Quê que é isso, rapaz”, há também a inserção de uma vinheta com a imagem de um furão, acompanhado do nome científico do animal. Essa vinheta aparece sempre que um jogador tenta dar um chute, mas acaba errando o chute e acertando apenas o ar, na jogada conhecida como furada.

A vinheta do furão tem como objetivo trazer mais uma pitada de humor na narração dos principais lances de uma partida, deixando claro o interesse em trazer aspectos do entretenimento ao programa jornalístico, visto que muitas vezes o lance em que a vinheta aparece não é determinante para o resultado do jogo, sendo, em alguns casos, até mesmo dispensável de ser mostrado.

No vídeo que pode ser visto em <http://www.youtube.com/watch?v=jCsjPXuxUAK>, acessado em 17/5/2013, o quadro de esportes do Fantástico do dia 14/4/2013 é mostrado a forma inovadora de apresentar os gols da rodada do fim de semana, com irreverência e informação pode ser observada.

Neste vídeo especificamente, é possível notar como o *Quadro Esportivo do Fantástico* tem utilizado trilhas melancólicas para dar uma notícia ruim sobre um time, como o rebaixamento do Guarani à Série A2 do Campeonato Paulista. Esse tipo de artifício cria uma atmosfera de tristeza à notícia, visto que a música é lenta, dando a entender que algo triste- para a torcida do Guarani neste caso- aconteceu com uma das equipes.

Outra mudança que fez marco a nova forma de apresentar o *Quadro Esportivo do Fantástico* foi o uso de cavalos criados em desenho animado que simbolizam os times do Campeonato Brasileiro nas últimas rodadas do torneio. Nesse caso, os times que estavam na briga pelo título são representados por cavalos brigando como num páreo de turfe, enquanto os times que lutam contra o rebaixamento à segunda divisão são mostrados como cavalos atolados na lama.

A representação dos cavalos pode ser vista no link <http://www.youtube.com/watch?v=OpnUnHF9XJU>, acessado em 17/5/2013, que foi usada para mostrar a situação dos times da primeira divisão do Campeonato Brasileiro após a realização da 34ª rodada do Brasileirão disputado em 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de realizar uma análise comparativa entre as primeiras edições dos programas esportivos da TV Globo se mostrou acertada porque assim foi possível estabelecer um contraponto entre como os programas eram apresentados em seus respectivos inícios, deixando claro como as atrações, além de mudanças na forma de serem apresentadas, foram se adequando a uma nova leva de entretenimento em meio ao jornalismo que fizeram com que os telejornais esportivos da TV Globo passassem também por uma profunda mudança em seu conteúdo.

Desta forma, usando os conhecimentos adquiridos através das pesquisas bibliográficas e das análises dos vídeos escolhidos, foi possível perceber como o entretenimento tomou conta do jornalismo esportivo da TV Globo, uma vez que em muitos casos uma informação é colocada em segundo plano para privilegiar algum detalhe de menor importância, mas que seja engraçado ou curioso, mas que atraia um telespectador que não seja assíduo das notícias esportivas.

Por meio de estudos dirigidos à comparação entre o passado e o presente dos telejornais esportivos da TV Globo, foi possível alcançar o objetivo da pesquisa que era entender de que forma o entretenimento havia tomado o espaço do jornalismo, fazendo com que nem sempre a principal missão do jornalismo, que é trazer ao telespectador a informação, fosse levada em consideração.

Também foi possível entender quando as mudanças passaram a ser mais perceptíveis para o telespectador. Essas mudanças foram implementadas como uma tentativa de resolver os problemas de audiência que vinham atrapalhando os planos da TV Globo, visto que os índices de televisores ligados durante a veiculação dos telejornais esportivos caiu de forma acentuada ano a ano, o que fez com que os diretores da emissora se sentissem obrigados a realizar as alterações para que os programas voltassem a ser líderes de audiência em seus horários. Essas mudanças não só fizeram

com que o público alvo das atrações, os fãs de esporte, voltassem a assistir os telejornais, como outro público, que de forma geral não se interessava por esportes passasse a assistir os programas, fazendo, naturalmente, com que os níveis de audiência voltassem a subir.

No entanto, essas mudanças são preocupantes do ponto de vista jornalístico, uma vez que a notícia nem sempre é o foco dos programas, tendo o entretenimento se tornado prioritário em diversos casos. Apesar de trazer um maior número de telespectadores, o formato dos programas tem feito com que seus respectivos apresentadores se preocupem mais em divertir do que informar.

Sendo assim, foi possível concluir o objetivo da pesquisa, que era mostrar que o entretenimento passou a figurar insistentemente nos principais programas esportivos da TV Globo. Apesar da melhora nos números de audiência, os programas perderam a essência estritamente jornalística, passando a apostar em um formato mais irreverente e descontraído, contrastando com o que era visto no princípio da veiculação dos programas, quando os apresentadores se vestiam formalmente, de terno na maioria dos casos, além de ficarem quase que estáticos atrás da bancada apenas trazendo as notícias ao público.

Além do entretenimento, a nova forma de apresentar os telejornais esportivos na TV Globo também fez com que os âncoras das atrações passassem a atuar também como comentaristas, o que denota uma grande diferença entre o atual e o antigo nos programas esportivos da emissora carioca. Mesmo assim, os comentários muitas vezes são carregados de humor, o que traz certa dose de diversão e, mais uma vez, entretém o telespectador, o que corrobora com o objetivo da pesquisa: mostrar como o entretenimento passou a fazer parte do telejornalismo esportivo da TV Globo.

BIBLIOGRAFIA

BARBEIRO, Heródoto e RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo** – São Paulo: Contexto, 2006.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. **A questão da informação**. Disponível em: <http://aldoibct.bighost.com.br/quest/quest2.pdf> - Acesso em: 20 de março de 2013.

BOAS, Sergio Vilas. **Formação & Informação esportiva: jornalismo para iniciados e leigos** – São Paulo: Summus, 2005.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo** – 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004. – (Coleção Comunicação)

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3º Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** – 5.ed. – São Paulo: Atlas, 1999.

GLABER, Neol, **A República do Entretenimento in Vida**, o filme. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

LAKATOS, Eva M. – Métodos Científicos. In: **Fundamentos de metodologia científica**. SP: Atlas, 1991

MACHADO, F.N.R & MACHADO, M.P.A. **Projeto de Banco de dados: uma visão prática** - São Paulo: Érica, 1996.

Padrão Globo de Jornalismo Esportivo. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/9026/6249> - Acesso em 25 de abril de 2013.

RANGEL, Patrícia. **Globo Esporte São Paulo: Ousadia e Experimentalismo na Produção da Informação-Entretenimento**. In: Videre Futura, Ano I, Volume I. Publicado em 2010. Disponível em: www.viderefutura.riobrancofac.edu.br. – Acesso em 25 de abril de 2013

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TIAGO LEIFERT NÃO ENTENDEU A LIÇÃO DE BARCOS, **Blog do Maurício Stycer**. Disponível em: mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2012/02/17/tiago-leifert-nao-entendeu-a-licao-de-barcos - Acesso em 15 de março de 2013

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Entretenimento - Uma Crítica Aberta**, São Paulo: Senac, 2003.

WOLF, Mauro: Tradução Karina Jannini. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.